

Vícios, virtudes e paixões: da novela como «catecismo» no século XVIII

Zulmira C. Santos
Universidade do Porto

Na correspondência que manteve com Ribeiro Sanches, enquanto viveu em França e esporadicamente na Sabóia, Teodoro Almeida [1722-1804] insistiu em explicar ao médico, que então habitava em Paris, como a redacção de *O Feliz Independente* (1779) tinha contribuído decisivamente para melhorar os estados de «melancolia» que tantas vezes o assaltavam¹. Embora sublinhando que a obra tinha sido iniciada no Porto, quando, desterrado por Pombal, aí permanecera entre 1760 e 1768, a gestação da novela, que sempre apelidou de «poema épico em prosa»², foi acompanhando os anos de exílio, não surpreendendo, assim, que chegado a Portugal em Março de 1778, a tenha feito publicar, depois de introduzidas alterações a que as diferentes censuras o foram obrigando³, no imediato ano de 1779⁴.

1 A correspondência trocada entre Ribeiro Sanches e Teodoro de Almeida está guardada na Biblioteca Nacional de Viena, «Epistolário de Ribeiro Sanches», ms. nº 12714, Cartas ff. 121r-141v e 645r-657v. As cartas de Ribeiro Sanches encontram-se incluídas nos mss 12713 e 12714 [Suppl. 252 et 253] ch. XVIII. 642 et 667 4º *Epistolae* 626 *autographae virorum doctorum praesertim vero medicorum ad doctorem Antonium Ribeiro Sanches quondam, archiatrum imperatoris Russiae datae a. 1735-1783, latinae, gallicae et lusitanae [...]*. Algumas das cartas redigidas por T. de Almeida foram transcritas por Maria Leopoldina de AZEVEDO, «Pde Teodoro de Almeida. Subsídios para o estudo da sua vida e obra», Dissertação de licenciatura policopiada, FLUC, 1960. Em anexo, transcrevi, a partir do manuscrito, a que mais directamente se relaciona com o presente trabalho.

2 Qualificação que António das Neves Pereira, professor régio de Retórica e Poética em Penafiel e mais tarde também congregado (1793), discípulo e amigo de T. de Almeida, procurará justificar no longo «Discurso Preliminar sobre o Poema Do Feliz Independente Por António das Neves Pereira, Presbítero e Professor Régio de Retórica e Poética em Penafiel» que acompanha a edição de 1786 («Segunda Edição corrigida por seu author, e acrescentada com notas, e com estampas»).

3 Transcrevemos as censuras em *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida [1722-1804]*, dissert. de dout. apresentada à Fac. de Letras da U.P., Faculdade de Letras, 2002 (no prelo). Sobre a censura literária v. Maria Teresa Esteves Payan MARTINS, *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, FCC-FCT, 2005.

4 Teodoro de ALMEIDA, *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna, ou Arte de Viver Contente em Quaesquer Trabalhos da Vida*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno de MDCCLXXIX.

Antes de partir para o estrangeiro em 3 de Setembro de 1768⁵, almejando chegar à Holanda como destino final, Teodoro de Almeida publicara, nos anos mais vizinhos dessa data, três obras de carácter devocional que, juntamente com o *Elogio da Ilustríssima e Exm^a D. Ana Xavier* (1758), revelam uma crescente preocupação com temas de literatura de espiritualidade *stricto sensu*. Em 1759, faz publicar, em Lisboa, nos prelos de Miguel Rodrigues, *Estímulos do amor da Virgem Maria, mãe de Deus*, em 1763, no Porto (na Of. de Francisco Mendes de Lima), *Gemidos da mãe de Deus afflictiva, ou estímulos da compaixão das suas dores*, sob o pseudónimo de Dorotheo de Almeida, em 1768 (Porto, Francisco Mendes de Lima), o *Thesouro de Paciência nas chagas de Jesus Christo, ou consolação da alma atribulada na meditação das penas do Salvador*. Estes textos de clara orientação mariana e cristológica, que mereceram aliás traduções em Espanha e França, embora em contextos e datas diversas⁶, acompanharam a continuação da publicação dos quinto (Lisboa, Miguel Rodrigues, 1761), sexto (Lisboa, Miguel Rodrigues, 1762) e sétimo (Lisboa, Miguel Rodrigues, 1768) tomos da *Recreação Filosófica*, respectivamente dedicados aos «Brutos e às plantas»⁷, «aos céus e ao mundo»⁸ e à «Lógica»⁹. A partir da data deste último tomo, 1768, e até ao momento da publicação de *O Feliz Independente*, 1779, Teodoro de Almeida interrompeu, pelo óbvio motivo da ausência do país, um processo bastante continuado de edição de obras a partir de 1751, embora a correspondência mantida ao longo desses anos, em que permaneceu em França, revele preocupações constantes com a publicação de traduções de alguns tomos da *Recreação Filosófica*¹⁰. Essas mesmas cartas criam um fio de ligação entre a última das obras de devoção publicada no Porto, o *Thesouro de Paciência*, a que acima aludí, e *O Feliz Independente*, no sentido em que ambas equacionavam a possibilidade de resistência às mudanças da «Fortuna», procurando uma saída que «cristianizasse» as propostas de acento estóico – na senda de Séneca (*De constantia* e *De tranquillitate animi*) e de uma larguíssima tradição que as doutrinas humanistas (e suas conseqüências) revalorizaram – e que, simultaneamente, servisse como alternativa às concepções de cariz epicurista, sobretudo às dos chamados «esprits forts», que cruzavam o século.

5 As fontes para a biografia de T. de ALMEIDA continuam a ser a *Vida do Padre Theodoro de Almeida da congregação do Oratório de Lisboa, Fundador do convento das religiosas da Visitação e o que mais trabalhou para de novo ser povoada a Casa do Espírito Santo da Pedreira depois de reedificada sobre as ruínas da que pelo terramoto de 1755 e incendio que se lhe seguiu ficou destruída*, IANTT, Ms. da Livraria nº 2316 (transcrito por Francisco Contente DOMINGUES, Teodoro de Almeida (1722-1804). Subsídios para uma biografia, FCSH da UNL (dissert. de mestrado pol., 1986) e a *Historia da Fundação do Mosteiro da Visitação em Lisboa. No anno de 1784*, IANTT, ms da Livraria 661 (transcrito por Zulmira SANTOS, Literatura e Espiritualidade).

6 Robert RICARD, « Sur la diffusion des oeuvres du P. Teodoro de Almeida » in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* (1963) IV, 4, 626-630 e « Les ouvrages du P. Teodoro de Almeida en Espagne » (complément) in *ibid*, V, 632-634; Marie-Hélène PIWNIK, « Les souscripteurs espagnols du P. Teodoro de Almeida (1722-1804) » in *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*, Nouvelle Série, 42, Paris (1981) 95-119; « Une entreprise lucrative: les traductions en espagnol du Père Teodoro de Almeida » in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXXI, Lisboa-Paris (1992) 199-206 ; Zulmira C. SANTOS, « As traduções das obras de espiritualidade de Teodoro de Almeida (1722-1804) em Espanha e França: estado da questão, formas e tempos » in *Via Spiritus*, I, Porto (1994) pp.185-208. Maria Manuela DOMINGOS, « Auteurs portugais du XVIIIe siècle en France: thèmes et stratégies de diffusion », *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, v. 74 (2004), pp. 65-71.

7 «Trata dos Brutos e das Plantas» (T. ALMEIDA, *Recreação filosófica*, Tomo V).

8 «Trata dos Ceos e do Mundo», (T. ALMEIDA, *Recreação filosófica*, Tomo VI).

9 «Trata da Lógica», (T. ALMEIDA, *Recreação filosófica*, Tomo VI).

10 As cartas enviadas a Ribeiro Sanches revelam tal preocupação (Zulmira SANTOS, «Cartas de exílio e melancolia: de Teodoro de Almeida (1722-1804) a Ribeiro Sanches (1699-1783)», *Correspondências. Usos da Carta no século XVIII* (coord. de Vanda Anastácio), Lisboa, Ed. Colibri, 2005, pp. 121-131).

Na «Dedicatória» de *O Feliz Independente*, assumindo que a obra visava a transmissão de um ideal de felicidade baseado nas «maximas evangelicas», de molde a fazer repousar na «Divina Providência» inquietações quanto ao futuro, T. de Almeida sublinhava que tinha preparado «o mesmo remédio»¹¹ oferecido no *Thesouro de Paciência*¹², disfarçando-o de outro modo – isto é, segundo uma diferente codificação discursiva –, procurando «a apparencia de que todos geralmente gostam», na tentativa de «dar a beber disfarçado, sem que perdesse nada da sua intrinseca verdade, para que sentissem [os leitores] o effeito, attrahidos da doçura que se lhes presentava»¹³.

Se tivermos em conta que nas missivas redigidas enquanto exilado, Almeida faz remontar a data de início da redacção de *O Feliz Independente* a 1767, justamente o ano anterior à sua algo precipitada saída do país, fugindo a uma alegada ordem de prisão de Sebastião José de Carvalho e Melo, e que o *Thesouro* foi editado justamente nesse ano de 1768, parece legítimo suspeitar, e até concluir, que a reflexão sobre a «Arte de viver contente em quaesquer trabalhos da vida» – que o título da «novela» também integrava – corporizasse um núcleo de preocupações, para além da moda temática, a que o oratoriano não deixava de ser sensível. Não importa neste pequeno trabalho, por já o ter feito em outros, desenvolver as questões relativas à felicidade como núcleo temático. Procurarei, sim, demonstrar que a leitura de *O Feliz Independente* não se esgota na exposição de um conceito de felicidade preso à confiança na «Divina Providência» e essencialmente tributário de formas de domínio das paixões, visando a tranquilidade da alma, mas escolhe como moldura privilegiada para equacionar a questão, por razões que a seguir examinaremos, o enquadramento das relações de poder – exercício e legitimidade – fazendo do ambiente cortesão, e integrando, assim, um filão de larga fortuna sobretudo na Época Moderna, terreno privilegiado para fornecer pautas de comportamento perfeito, como se o seu texto pudesse funcionar, em termos de objectivos, como um «agradável» catecismo. Deste ponto de vista – e os paratextos da «novela» parecem fornecer consistência ao argumento – *O Feliz Independente* não se afasta da matriz doutrinária e pedagógica que preside a toda a produção escrita de Teodoro de Almeida, tornando a «utilitas» um conceito fundamental no peso da relação *prodesse/delectare*. Face ao modelo da *Recreação*, a estratégia discursiva passa aqui por substituir Teodósio, o professor de Filosofia Moderna, por Vladislau/Misseno, mestre na arte de dominar paixões e vícios, Eugénio, o aluno, pelo conde da Morávia, com a importante ressalva de que Eugénio aprende com sucesso e o conde, depois de peripécias várias, acaba por não conseguir interiorizar a lição e, finalmente, Sívio, o peripatético médico, oportuno e constante contraponto nas várias «Tardes» da *Recreação* e que, na «novela», pode ser subsumido em personagens várias, do filósofo maometano Ibraim, epicurista convicto, a Neucasis, exemplo do mau valido. Com efeito, T. de Almeida investe, como autor, na dimensão «atraente» dos textos, assumindo a herança «feneloniana» de que a «educação», seja ela do príncipe, das camadas dirigentes ou até da direcção espiritual feminina, deve ser feita escolhendo as estratégias mais persuasivas da «vontade» e em função, obviamente, do objectivo visado¹⁴. Encontrar o caminho para, através do exercício da razão dentro dos limites da incompreensibilidade dos desígnios divinos, forçar com doçura e suavidade a vontade dirigindo-a para o caminho do bem parece constituir a fórmula mági-

11 T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, «Dedicatória».

12 T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, «Dedicatória»: «aos que não tinham horror ao sangue, e chagas de vosso sacrosanto Cadaver, lhes offereci o remédio com o titulo Thesouro de Paciência nas vossas Sacratíssimas chagas».

13 T. de ALMEIDA, Dedicatória.

14 V., no âmbito de uma ampla bibliografia, *Fénelon, évêque et pasteur en son temps, 1695-1715. Actes du colloque*, Cambrai, 15-16 septembre, 1995, Villeneuve d'Ascq, 1996 e *Nouvel état présent des travaux sur Fénelon*, études réunis par Henk Hillenaar, Amsterdam, Rodopi, 2000.

ca, aliás, muito no sentido do «ar do tempo». Se os «esprits forts» usavam a razão para formular raciocínios que conduziam à não existência de Deus ou à falta de razoabilidade da Sagrada Escritura, porque não usar a mesma estratégia, caucionada embora pela não contestação da ideia de Deus que a natureza, pela sua organização, espelhava, para domar as vontades e ilustrar os entendimentos? Desse ponto de vista, toda a obra de T. de Almeida pode incorporar o filão de literatura apologética que, sobretudo na segunda metade do século, se desenvolveu em França e Itália, tanto quanto sabemos menos em Espanha, talvez porque menos necessária, contra Diderot, d'Alembert e, essencialmente, Voltaire e Rousseau.

Assim se entende que para tratar o tema maior da «felicidade», na senda das «maximas evangélicas», tenha lançado mão, depois de prévios ensaios em verso rimado e branco, de uma codificação discursiva que, embora denominada «poema em prosa», à imitação das prestigiadas *Les Aventures de Télémaque* (1699), sobretudo depois de acrescentadas com o «Discours sur la Poésie Épique» de Ramsay¹⁵, tão reeditadas e traduzidas ao longo de setecentos, comportava, em seu entender, a dimensão da facilidade de leitura – uma prosa ritmada, plena de comparações e metáforas – aproveitando da verosimilhança acrescida que a histórica existência de Vladislau, príncipe deposto da Polónia, lhe conferia, ao mesmo tempo que remetia para um universo que o Abbé Verthot, nas várias edições da suas *Histoire des Chevaliers de Malthe*¹⁶, e François Dalarac, nas *Anecdotes de Pologne*¹⁷, tinham divulgado. De resto, era justamente esse «acrescento» de verosimilhança que levava T. de Almeida a afirmar no «Prologo» não querer que «degenerasse em novela» o que era poema, no sentido em que o carácter histórico das personagens faria a diferença, como se o texto adquirisse pela sua ligação à «história» uma dignidade acrescida que evitaria a confusão com as lidas mas desprestigiadas «novelas»¹⁸. Em todo o caso, a argumentação usada pelo oratoriano quando explica a passagem da tipologia textual do *Thesouro de Paciencia* para *O Feliz Independente*, acentuando a necessidade de «enganar» os leitores «para que tragassem, sem o perceber, a medicina salutífera da alma»¹⁹, integra um conjunto, por estes tempos da segunda metade do século XVIII, já tónico, de razões que se por um lado pretendem legitimar a novela numa dimensão moralizante, por outro almejam conferir-lhe alguma dignidade em termos «literários». Recordem-se, apenas como exemplos de cronologias diferentes, entre outros que poderiam ser aduzidos, as palavras de Gaspar Pires Rebelo no «Prólogo ao Leitor» dos *Infórtúnios Trágicos da Constante Florinda* (Lisboa, Giraldo da Vinha, 1625, 1ª parte; Lisboa, António Álvares, 1633 2ª parte) e as de Mateus Ribeiro em *Alívio de Tristes* (Lisboa, por Manoel da Sylva, 1648, 1ª parte e Lisboa, João da Costa, 1672, 2ª parte e 1674, 3ª e 4ª partes), na *Roda da Fortuna e Vida de Alexandre e Jacinta* (Lisboa, por Miguel Deslandes 1692, 1ª parte; 1693, 2ª parte), no *Retiro de Cuidados e Vida de Carlos e Rosaura* (Lisboa, por Miguel Deslandes, 1681, 1ª e 2ª partes; 1685, 3ª parte; Manuel Lopes Ferreira, 1689, 4ª parte).

15 *Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse, par feu Messire François de Salignac de La Motte Fénelon ...* Première édition conforme au manuscrit original (publiée par le Mis de Fénelon et précédée d'un Discours de la poésie épique et de l'excellence du poème de Télémaque, par Ramsay). Paris, F. Delaulne, 1717.

16 René Aubert de Vertot d'AUBEUF, *Histoire des chevaliers hospitaliers de S. Jean de Jérusalem: appelez depuis Chevaliers de Rodhes et aujourd'hui Chevaliers de Malthe*, Paris, Rollin, Quillau, Desaint, 1726, 4 vol. In-4.

17 François-Paulin DALAIRAC, *Les anecdotes de Pologne*, Paris, Pierre Aubouyn et Charles Clouzier, 1699 (2 vol. In-12).

18 Zulmira SANTOS, «Discurso do passado, discursos do presente: os cruzamentos da 'história' em o *Feliz Independente* (1779) de Teodoro de Almeida [1722-1804], *Literatura e História. Actas do Colóquio Internacional*, Porto, FLUP-DEPER, 2004, pp. 217-224.

19 T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, «Prólogo ao Leitor».

Gaspar Pires Rebelo insistia na conveniência da leitura de livros diversos, procurando em Séneca legitimidade argumentativa:

«Aplicando, pois, a meu intento, digo que se todos os livros que saem a público fossem de cousas espirituais e divinas, e todos bons, levantados por seu alto estilo, que nem o entendimento com a lição deles se deleitara, nem a sua perfeição e bondade se conheceria porque, como diz Séneca, ainda que a lição boa, certa e verdadeira a nosso entendimento aproveita, contudo a que é vária, e de cousas humanas, o deleita. E diz mais a Epístola oitenta e cinco, *De alternatione lectionis*, que não cessava nunca de ter lições várias, afirmando serem todas proveitosas se necessárias, e que de ler um livro só se não contentava, porque de uns tirava o que havia mister, e de outros o do que havia de fugir, dando com esta variedade pasto ao entendimento quando com a iguaria de um só estava enfaziado porque como ele mesmo afirma, a lição é pasto do entendimento e que cansado do estudo sem outro se não satisfaz. As abelhas, como diz Plínio, não só de uma flor fazem o favo, mas de muitas e várias que colhem, dispostas pela ordem que a natureza lhes ensina, fazem e aperfeiçoam seu doce mel [...]. E pois não só os livros e lições espirituais e divinas a nosso entendimento aproveitam, senão aquelas que em humanidade e lições várias se fundam, e estes também mereçam ser estimados, pois em seu género ajudam a perfeição, ou ao menos fazem com que a bondade dos outros mais resplandeça para que de todos possa ser estimada, quis eu, como abelha fraca, por não ter de todo apurado as asas do meu engenho para poder voar a cousas mais altas e levantadas, como o são as divinas, mostrar a fraqueza dele em estas humanas [...]»²⁰.

Mateus Ribeiro, por seu lado, em diversos prólogos²¹, acentuou, tal como T. de Almeida fará muitos anos depois, embora em diferente enquadramento, o «deleite» como estratégia privilegiada da «utilitas», esgrimindo no quadro argumentativo do prestígio «literário». Fazendo depender o «deleite» da «variedades», regista em *Retiro de Cuidados e Vida de Carlos e Rosaura* que «[...] em sua lição acharás o útil e o agradável; o útil para a cautela de viveres e o agradável para o molesto divertires» – insistindo no tema em *Roda da Fortuna e Vida de Alexandre e Jacinta*: «Plínio diz que os livros para serem agradáveis aos Leitores hão-de ser de assunto em que o aspero se una com o compassivo, o rigoroso com o benévolo e o infelice com o venturoso.». No *Alívio de Tristes*, pretende que, lembrando Santo Ambrósio, «a consolação para ser bem recebida, há-de incluir suavidade que divirta e não severidade ou aspereza que magoe.», sublinhando o peso e conveniência da «honesta recreação». T. de Almeida, como autor experimentado que era, deve ter sentido a talvez excessiva convergência argumentativa entre si e autores anteriores, como os citados, cujos textos, apesar de edições várias²², eram objecto de algumas apreciações críticas que os acusavam de falta de verosimilhança e de escassa importância moral²³. Contudo, e pesem embora as diferenças cronológicas e de programa «literário», no sentido em que a «utilitas» vai adquirindo um peso cada vez mais específico – e T. de Almeida não desconhecia o lugar prestigiado que as Poéticas neo-

20 Gaspar Pires REBELO, *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*, ed. de Nuno Júdice, Lisboa, Teorema, 2005, «Prólogo ao Leitor».

21 Note-se que os dois prólogos da edição de 1754, da autoria provável de Luís de Moraes e Castro, insistem ainda na legitimação da «novela de entretenimento», provavelmente como resposta às críticas a que a seguir aludiremos (Mateus RIBEIRO, *Alívio de Tristes*, Lisboa, José da Silva da Natividade, 1754).

22 A última do *Alívio de Tristes* é de 1764 (Lisboa, Miguel Manescal da Costa), da *Roda da Fortuna* de 1724 (Lisboa., Filipe de Sousa Vilela) e do *Retiro de Cuidados* de 1750 (Lisboa, Officina Ferreiriana).

23 A primeira apreciação «crítica» remontará provavelmente ao prólogo de Nuno Marques Pereira ao *Compendio Narrativo do Peregrino da América* que, ao desenvolver a oposição entre livros espirituais e profanos, inclui o *Retiro de Cuidados* nos livros que «ensinam a falar para pecar» (Nuno Marques PEREIRA – «Ao Leytor», *Compendio Narrativo do Peregrino da América*, Lisboa, na Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1728). Mais tarde, António Dinis da Cruz e Silva, no Canto III do *Hyssope*, entenderá a *Roda da Fortuna* como uma obra apreciada por aqueles que desconhecem os cânones do «bom-gosto» (António Dinis da Cruz e SILVA, *O Hyssope, Poema Heroi-Comico*, Nova edição correcta, com variantes, prefácios e notas, Paris, na Officina de A. Bobée, 1817, Canto III, p. 29). Verney, no *Verdadeiro Método* (1746), verberará o mau-gosto do *Alívio de Tristes* no campo da eloquência e na demasiada preocupação com o título (Luís António VERNEY, *Verdadeiro Método de Estudar: Estudos Literários*, Vol. II, ed. de António Salgado Júnior, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1950, p. 115).

clássicas concediam ao poema épico²⁴ – o itinerário de salvação eterna proposto por Mateus Ribeiro parece ecoar, tantos anos depois, em *O Feliz Independente*²⁵: Diz o autor do *Alívio de Tristes*:

«Meu intento é aproveitar com este piqueno volume a todos os que no mar deste mundo navegam derrotados de sentimentos, molestados de tristezas, queixando-se continuamente das que se chamam erradamente desgraças e infortúnios. O maior prêmio para mi deste trabalho será que todos com ele suas aflições aliviem e suas queixas consolem, advertindo juntamente aos descuidados para que não se fiem das bonanças, encaminhando aos queixosos para que não desanimem com as tormentas desta peregrinação, enquanto não chegamos à tranquilidade e consolação verdadeira das alegrias da glória a que Deus nos leve por sua infinita bondade.»²⁶

Recordemos, uma vez mais, o início do «Prólogo» de *O Feliz Independente*:

«O principal que me moveu a meditar esta obra foi o bem da humanidade. Vi eu que a maior parte dos que se chamavam infelizes podiam não o ser, se tivessem no entendimento outro modo de pensar e na vontade outra moderação no querer»²⁷.

Um e outro procuram demonstrar que, como registará o oratoriano nas páginas de *O Feliz Independente*, os males e os bens andam no mundo com os nomes trocados²⁸. No entanto, T. de Almeida empenhar-se-á em que o seu texto, embora aproveitando de algumas das estratégias destas «novelas», não se confunda com elas em momento algum, indiciando como única fonte Fénelon e o seu *Télémaque* que, aliás, o prólogo da edição de 1754 do *Alívio* também reivindicava como exemplo de legitimidade da ficção escrita por um clérigo. Julgo, todavia, que a invocação das *Aventures de Télémaque* como paradigma se prende, essencialmente, e para além das razões de prestígio da tipologia literária de «poema épico» em prosa, ao facto de *O Feliz Independente* se estruturar não apenas como um texto sobre a felicidade, integrando assim um núcleo nevrálgico de debate «ilustrado» e, nesse sentido, muito do seu tempo, mas ser, simultaneamente, uma longa reflexão sobre as formas e exercício do poder real, respectiva legitimidade e toda a panóplia de temas apensos a tal dimensão: a guerra justa e injusta, as misérias dos generais, os bons e maus validos, o perigo da beleza nas cortes. Resumindo: um amplo catálogo de vícios, virtudes e paixões que, partindo do «espelho» do príncipe Vladislau/Misseno, pudesse servir de exemplo ao comum dos mortais. Como uma espécie de «catecismo».

Vícios, virtudes e paixões.

No Livro XXIV, o último de *Les Aventures de Télémaque* – número e organização que *O Feliz Independente* conserva, na imitação estrutural do modelo –, Telémaco confessa a Mentor ser agora capaz de «concevoir les maximes du gouvernement»²⁹ que o mestre lhe havia procurado explicar ao longo de toda a obra, tentando demonstrar que o comportamento dos príncipes se devia pautar pela virtude e pelo perfeito conhecimento e avaliação daqueles que com ele colaboram, explo-

²⁴ Zulmira SANTOS, introd. a Teodoro de Almeida, *O Feliz Independente*, Porto, Campo das Letras, 2000, pp. 15-20. Passaremos a citar o texto a partir desta edição.

²⁵ Recordo as reflexões de Alexandre Herculano na “Advertência da Segunda Edição” das *Lendas e Narrativas* (1858): “Quinze a vinte anos são decorridos desde que se deu um passo, bem que débil, decisivo, para quebrar as tradições do *Alívio de Tristes* e do *Feliz Independente*, tiranos que reinaram sem êmulos e sem conspiração na província do romance português.”

²⁶ Mateus RIBEIRO, «Prólogo ao leitor», *Alívio de tristes e consolação de queixosos*, Lisboa, na Oficina de João da Costa, 1672.

²⁷ T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, «Prólogo».

²⁸ T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, p.134: «A maior parte dos Bens e Males do mundo andam com os nomes trocados».

²⁹ Cito pela edição de Avignon, chez Seguin, Imprimeur-Libraires, 1810, p. 338.

rando de várias formas um filão conhecido. Teodoro de Almeida inicia *O Feliz Independente* situando a acção em ambiente campestre e colocando, de imediato, o problema das paixões humanas: Sofia, imperatriz destronada de Constantinopla, mulher de Nicolau Canabé, modelo de governante virtuoso que sucumbe na teia de intrigas do vicioso valido Murzulfe, é irmã do conde da Morávia, exemplo de carácter dominado pela tristeza na obediência ao império das paixões. Próximo do suicídio, encontra em Vladislau, que tinha sido rei da Polónia e vivia, no início da acção, disfarçado de pastor, sob o nome Misseno, habitando tranquilamente nos bosques da Silésia, um mestre de vida obstinado em comunicar um programa conducente à verdadeira felicidade. Como itinerário de conduta, a proposta avançada não revestia contornos complexos e residia, essencialmente, no domínio das paixões, no sentido da herança estóica, com a particularidade de trazer a Sagrada Escritura e a meditação sobre os seus textos para o cerne da questão, afastando eventuais suspeitas de fidelidade a filosofias pagãs. Embora Teodoro de Almeida não tenha conseguido eximir-se completamente deste quadro de referência – as censuras da Real Mesa mostram que a acusação existiu –, de facto procurou insistentemente, ao longo da obra, evidenciar o poder da meditação sobre os textos sagrados, ancorando frequentemente a narrativa no Velho e Novo Testamentos. Tendo em conta que Almeida pretendia uma solução que se opusesse às tendências epicuristas de muitas das concepções de felicidade que percorriam o século, não surpreende que assim tivesse sido, sobretudo se se pensar que a razoabilidade do texto bíblico também vinha sendo posta em causa.

Em todo o caso, a questão global de vícios, virtudes e paixões, que fornece a arquitectura textual mais consistente, é sempre equacionada em termos de reis, príncipes, princesas e grandes senhores. Se, por um lado, o recurso a personagens de alta extracção social legitimava a designação «poema épico em prosa» e mantinha a função especular dos modelos, por outro, permitia que Almeida reflectisse, em tempos de exílio, sobre maneiras de encontrar a tranquilidade da alma, ele que tinha sido afastado da corte uma primeira vez, em 1760, desterrado para o Porto, e depois do país em 1768. Assaltado por estados de melancolia que as cartas escritas durante esse período documentam, encontrou na redacção de *O Feliz Independente* um lenitivo eficaz, como acima se acentuou.

A magna questão das paixões humanas ocorre quase imediatamente nas primeiras páginas do texto, através da caracterização do conde da Morávia que não se apresenta como um exemplo de «vicioso», no sentido em que o serão outras personagens, sobretudo reis e validos, incapazes de resistir à atracção do poder e da glória e tudo fazendo para as atingir, mas como alguém que sofre, porque, satisfeitas todas as paixões, não encontra a paz interior. Na medida em que o conde e a irmã, a princesa Sofia, discorrem sobre estados de alma que em muito se prendem com a instabilidade da «fortuna», criando as condições «diegéticas» para que Misseno exponha a solução encontrada que lhe permite ter sido rei, ter descido do trono e viver agora como simples pastor, T. de Almeida concede algum espaço à definição das paixões, insistindo depois no tratamento particular de alguns temas: a glória dos generais, os perigos da beleza, a miséria das cortes na oposição com o campo, os maus validos.

Investido da função pedagógica, Misseno nunca abandona a sua condição de mestre, acabando por representar uma espécie de fusão das funções de Mentor e Telémaco. Por um lado, ensina, manifestando preocupações quando a lição corre o risco de tornar-se entediante, por outro, representa o exemplo vivo do sucesso da estratégia adoptada: a meditação da Sagrada Escritura e a confiança na divina Providência. De resto, todas as peripécias se revestem de contornos didácticos e, quando não é Misseno o responsável pela lição a ministrar, outras personagens se encar-

regam de disputar em nome do domínio das paixões. O quadro discursivo repete-se ao longo de todo o texto: ou é uma assembleia, um serão, uma festa campestre ou uma conversa... A fórmula, que T. de Almeida tão bem conhecia e valorizara, é o diálogo que avança pela exposição e exame pormenorizado de pontos de vista contrários. A experiência de Misseno e também, em alguns momentos, de Sofia, como reis destronados, potencia a reflexão sobre as condições de vida nas cortes e as paixões excessivas dos grandes senhores. A estadia do protagonista nos bosques da Silésia legitima a meditação sobre as vantagens da vida pastoril e enquadra o debate sobre a beleza. As disputas entre gregos e latinos fornecem o motivo para examinar a legitimidade da guerra e as misérias dos generais. Verdadeiramente, um mosaico temático conhecido que T. de Almeida explora para discorrer num contexto em que a razoabilidade e coerência argumentativa se tornam valores fundamentais, em detrimento da efabulação propriamente dita, como se aproveitasse do conhecimento prévio do leitor de outras «novelas» para, explorando um eventual gosto, ministrar a «doutrina verdadeira».

Atentemos em alguns exemplos. O tema da viagem, constante de novelas bizantinas, pastoris e alegóricas, mas também, não o esqueçamos, de muitos poemas épicos, organiza a diegese. A obra começa e acaba em ambiente campestre. Todavia, entre as margens do Niester e os bosques da Silésia, Misseno efectua deslocações em «flash-back», narrando ao conde e à irmã as peripécias da subida e descida do trono, e viaja a seguir para a Terra Santa acompanhando o discípulo, voltando, depois da morte deste, para a Polónia, onde passa a viver retirado. Na primeira parte do texto, quando o protagonista procede à narrativa da sua própria experiência como príncipe destronado que, imerso na maior e mais aflitiva tristeza³⁰, encontra o caminho da tranquilidade na meditação na Sagrada Escritura e na confiança na divina Providência, aprendendo a distinguir a verdade das aparências, num exercício reflexivo que progride pelo exame de cada argumento, o autor aproveita da ambiência campestre para, reproduzindo os debates típicos das novelas pastoris, recuperados praticamente por toda a ficção narrativa em prosa dos séculos XVII-XVIII, discorrer sobre a beleza, considerando que ela pode ser vício ou virtude, conforme o uso que dela se faz. No entanto, enquanto as «novelas» anteriores parecem colocar o acento na relação da «beleza» com o «amor», T. de Almeida insiste nos seus perigos nas cortes e nas vantagens de não despertar a atenção.

No *Pastor Peregrino*³¹ de Francisco Rodrigues Lobo, editado pela primeira vez em 1608, e que constitui a segunda obra da sua trilogia pastoril, o leitor assiste a uma «controvérsia», em sede de «desengano barroco», entre a verdade e as aparências. Aqui entronca um curioso, mas conhecido debate, entre belas e feias, partindo as primeiras do princípio de que quem «ama mulher feia é desastrado», pois que «tendo em sua mão empregar-se melhor se escolhe tão mal, não pode fazer coisa boa.». Assim sendo, o «bando das formosas» e o «bando das feias» debatem os efeitos da beleza sobre o amor, perguntando-se se a beleza física, isto é, do rosto, tem que estar presente para que o amor desperte: «O amor não é eleição, antes acerto, e por isso os que o fizeram deus o pintaram cego, e dito é comum que quem feia ama formosa lhe parece.». Assim sendo, conclui a pastora, representante das feias, a beleza não é causa determinante, na medida em que ele pode existir sem que ela exista. Opinião diferente emite a representante das belas, acentuando que: «Outra coisa ouvi eu dizer dessa pintura, isto é do amor cego, e era que havia de escolher com os olhos abertos e amar com eles cerrados». Na medida em que o debate chega a um impasse, as

³⁰ Sobre a perenidade do tema v. o artigo de Fernando RODRIGUEZ de la FLOR, «El Príncipe escéptico», *Pasiones Frias. Secreto y disimulación en el Barroco hispano*, Madrid, Marcial Pons, 2005, pp. 45-86.

³¹ Francisco Rodrigues LOBO, *Pastor Peregrino*, ed. de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Ed. Vega, 2004, p.163.

pastoras decidem recorrer a dois pastores na procura de uma solução. Obviamente, um dos rústicos, escolhido como juiz desta contenda verbal, é um pastor disfarçado que disserta sobre o tema revelando uma alegada competência:

«Pastor era o que julgou a Vénus por senhora da fermosura, e com sua sentença teve ela este título e o pastor confiança para muitas empresas. E tornando à vossa pergunta, digo que se ama tudo o que se deseja, e que mais perfeito será o que se emprega em cousas mais altas e mais isentas da jurisdição do tempo e da fortuna, porque amar bens e gostos da sorte é interesse do apetite, amar beleza e perfeições do rosto é amor sujeito às mudanças dele, amar partes da alma e do juízo é verdadeiro amor firme e levantado. Mas porque raramente se amam almas sem corpos, de entre ambos se forma a verdadeira afeição, segundo as inclinações de quem ama, o qual eu teria por néscio se amasse corpos sem alma, e por menos errado quando amasse alma sem corpo»³².

Como se vê, neste curto extracto, e outros livros de pastores repetem tema e desenvolvimento, muito provavelmente porque a estreita codificação literária a que obedeciam se prendia à existência destas controvérsias que, frequentemente, se faziam em verso, o debate entre beleza e fealdade não funciona num contexto imediatamente moral ou moralizante, mas releva, com esses acentos óbvios, de uma atmosfera que faz do «desengano» o único caminho possível entre verdade e aparência, potenciando a efemeridade como traço da beleza feminina, nesse mundo barroco em que nem o tempo nem a roda da fortuna se detêm, e que tanta da nossa poesia coeva metaforizou na rosa, cuja beleza esmorece ao longo de um dia.

No caso de *O Feliz Independente*, o debate que o autor situa entre pastores, num momento em que Misseno se encontra sob esse disfarce, embora não por razões de teor amoroso, versa justamente a mesma questão, interrogando se a beleza física feminina deve ser considerada um vício, no sentido em que pode conduzir ao pecado, ou uma virtude. O enquadramento da discussão obedece ao que de mais tópico ficou dos livros de pastores, na apropriação de temas da antiguidade clássica: Misseno, o protagonista e desterrado rei da Polónia, agora tornado pastor, é chamado para juiz de uma contenda, tal como o protagonista do livro de Rodrigues Lobo, editado mais de 150 antes:

«Um dia, que os nossos rebanhos andavam pouco distantes, veio Iria, filha última, dotada de uma grande beleza, convidar-me para decidir certa questão que com sua irmã tinha; e pedir-me que quisesse conduzir as minhas ovelhas para além de um outeiro que nos separava. Vinha a ser a questão: se uma singular beleza por extremo rara, era ou não dádiva do céu; ou, se pelo contrário era castigo, como sua irmã Zefia teimosamente dizia?»³³.

E, tal como nos livros de pastores e nas novelas que recuperam tais debates, duas irmãs, uma bela, Zefia, e outra menos, Iria, examinaram a questão, aduzindo sequências de argumentos:

«Uma beleza por extremo rara é o mais precioso dom da natureza que uma mulher pode receber do céu. As mesmas rainhas que se vêem privadas de formosura, não perdoam despesas, diligências e ainda tormentos para suprir esta falta; e daí infiro que ainda às coroas mais ricas e brilhantes dá a beleza um novo realce e lustro novo [...] o juízo é a prenda dos homens; a força o é dos brutos, mas das mulheres só é a formosura. De maneira que, segundo dizem os pastores, que melhor o entendem, muitas vezes uma só beleza tem feito grandes revoluções em reinos inteiros; e jamais nem ao juízo nem ao valor se renderam tantas adorações como à formosura se rendem»³⁴.

Pelo contrário, Zefia, a formosa, desvaloriza a beleza, entendendo que ela só traz incómodos a quem a possui:

32 Francisco Rodrigues LOBO, *Pastor Peregrino*, pp.164-5

33 T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, p.134.

34 T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, p.134.

«[...] todo o mundo se alvoroça desde que ela aparece; todos fitam nela os olhos; e já ela não é senhora dos seus, porque o menor movimento deles é observado; e quantas pessoas se acham no seu povo tantas sentinelas a guardam [...] como pode a sua prudência evitar os públicos aplausos que degeneram em crimes de inocente, no tribunal das invejosas [...] Basta só a chusma das feias para lhe fazerem uma guerra surda mas cruel e interminável; e nas Formosas, a inveja lhe prepara uma guerra mais aberta e mais encarniçada. Aqui é que a infeliz tem muito que sofrer; porque todas as que pretendem as adorações não hão-de consentir, por nenhum modo, ver diante de si outro ídolo mais elevado que as encubra»³⁵.

O debate prossegue, equacionando os perigos da beleza feminina nas cortes: Zefia, a bela, a mais velha das irmãs, recordava que Matilde, sua mãe, «enquanto vivera em palácio, havia passado grandes trabalhos pela sua extraordinária formosura». E, na medida em que «a paixão do Amor nasce dos olhos», ainda que a beleza não deva ser considerada um vício do ponto de vista essencial, ela pode, todavia, ser entendida como passível de encorajar comportamentos viciosos, no sentido da luxúria. O exame de argumentos a favor e contra acaba por concluir que a ausência de beleza se constitui em estrada mais larga e mais fácil para atingir a Felicidade, se se entender que esta reside na tranquilidade do ânimo, no domínio das paixões e no apelo à virtude. E se a beleza física pode e deve coincidir com um comportamento virtuoso, com mais dificuldade se lhe adequa, porque se torna mais espinhoso trilhar o caminho das virtudes, num contexto que estimula vícios como o amor-próprio, a inveja e a luxúria. A verdadeira beleza, sublinha T. de Almeida, pelas reflexões de Misseno, não é a física, a terrena, mas a da virtude, isto é, a que coincide com a prática do Bem.

Apesar de muito longo, o debate não avança muito mais para além deste conjunto de alusões de acento muito salesiano, incorporando um filão de «literatura», visando especialmente o público feminino, que quase podíamos apelidar de «catecismos» novelescos. Ao contrário dos livros de pastores ou mesmo de novelas ditas «exemplares», nas várias acepções «literárias» ou morais que o termo contempla e potencia³⁶, *O Feliz Independente* ignora a dimensão da temática amorosa, conferindo aos argumentos um carácter filosófico que torna a conversa uma espécie de combate discursivo em prol da «verdade» argumentativa, contribuindo, pela via da «razão», para uma literatura «feminilizante» que se afadigava em fornecer modelos devotos, em alternativa aos textos de temática «amorosa» que séculos anteriores já haviam considerado perniciosos para um comportamento feminino modelar e que a moda e voga das novelas «francesas» tornava de novo actual. O que pode motivar alguma reflexão específica no caso de *O Feliz Independente* é o peso concedido aos perigos da beleza nas cortes num duplo sentido: por um lado, os riscos corridos para quem a possui num ambiente de sociabilidade algo fechada, como era a «sociedade de corte», por outro, as catástrofes políticas, e a expressão é de Teodoro de Almeida, que daí podem advir. Quantas guerras, quantas intrigas, quantas conspirações resultaram da «beleza» nos palácios?³⁷

35 T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, p.134.

36 No conjunto de uma ampla bibliografia, o recente conjunto de estudos (alguns já publicados) de Javier BLASCO, *Cervantes raro inventor*, Alcalá de Henares, Centro de Estudos Cervantinos, 2005.

37 Como se sabe, entre outras de natureza político-económica que se prendiam directamente com a administração do Brasil, os jesuítas foram expulsos em 1759 por alegado envolvimento, nunca directamente provado, no atentado a D. José. E os Távoras, os marqueses, os filhos e o genro, o conde de Atouguia, foram supliciados em Janeiro do mesmo ano. Neste enorme novelo, que é ainda hoje o processo dos Távoras, ninguém esquece que a chamada marquesa nova, mulher de D. Luís Bernardo, o filho mais velho, era amante do rei. Provavelmente, para Teodoro de Almeida e para os seus leitores da época, que com ele partilhavam um universo de crenças e conhecimentos, de que tentamos aproximar-nos, mas que desconhecemos como conjunto funcional, o perigo da beleza nas cortes, como causadora de catástrofes políticas e potenciadora de intrigas palacianas não era apenas um enredo de novela, mas resultava de uma experiência directa que merecia reflexão.

Todos os outros debates se equivalem. Misseno, ou alguém por ele, examina uma ideia, um princípio, avaliando da sua coerência interna pela razoabilidade da argumentação. E assim como passa pelo «heroísmo»³⁸, entendendo que dele existe uma «falsa ideia», assim passa pela glória, pelas cortes, pelo exercício do poder. O combate do protagonista trava-se entre um verdadeiro elenco de vícios, virtudes e paixões, objectos até de personificações na melhor tradição das novelas alegóricas que encontraram na literatura emblemática, tão divulgada pela Companhia de Jesus, fonte constante de inspiração³⁹. Curiosamente, a «receita» apresentada por Misseno parece obter um sucesso mais evidente no caso das mulheres: o conde da Morávia, discípulo que o protagonista insiste em doutrinar, suicida-se, praticamente no final da obra, depois de um duelo com Neucasis, o mau valido, que nele se obstinava em despertar o amor-próprio, o orgulho, a ingratidão e a mentira. No entanto, Sofia, sua irmã, encontrará a tranquilidade dedicando-se à educação dos filhos, longe da corte. Helena, mulher do senhor de Cesarea, resiste heroicamente à culposa paixão pelo conde e Ifigénia, personagem que tinha renegado a fé católica para integrar o harém de Saladino, enfrenta a morte, depois de convencida por Misseno, em nome do regresso à fé cristã.

Nesta ampla panóplia de recuperação de temas conhecidos, enquadrados por uma formulação em que a coerência argumentativa se erige em valor fundamental, em detrimento da efabulação, reside a «diferença» e a especificidade da proposta narrativa de *O Feliz Independente*. O «catálogo» de virtudes proposto, como se de uma espécie de catecismo se tratasse, funciona como lição de comportamento moral, espiritual e religioso, «disfarçado» por uma codificação textual que aproveitava dos gostos das «novelas» em geral, proporcionando hábitos de meditação sobre a Sagrada Escritura. Embora em tempos de exílio, T. de Almeida parecia não ter esquecido a dimensão de director espiritual experimentado, ele que considerava S. Francisco de Sales e os seus textos um modelo a seguir.

38 T. de ALMEIDA, *O Feliz Independente*, p.98: «Que falsa é a ideia que se forma do verdadeiro heroísmo e da sólida felicidade! A que se reduz toda a glória de Alexandre na Ásia, de um Cipião Africano, de um Temístocles na Grécia e de todos os imperadores romanos que aturdiram o mundo? Tudo, examinado à luz da verdade, se reduz a derramar sangue humano, devastar regiões, arruinar impérios, arrastar soberanos».

39 Sara AUGUSTO, *A alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*, dissert. de dout. polic. apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, Viseu, 2004.

Apêndice**

Senhor António Ribeiro Sanches

Como devo eu responder à sua carta? Deus lhe pague; e nisso tenho dito tudo o que o meo interior queria dizer. Deus lhe pague torno a dizer não só pelos conselhos que me dá, mas pelo amor com que mos dá.

Recebi a sua carta e lendo-a me vieram as lágrimas aos olhos por certas razões: nenh'a por perder o ânimo que grasas a Deus se tenho defeito nisso, é de o ter demaziado; mostreia ao doutor d'Arquibal, que é meo Medico aqui, e aprovou tudo quanto Vossa Mercê dizia; o que eu já sabia de certo; não só pela veneração que lhe professa, mas porque é meio devoto da tal dieta Láctea que aqui se tem aplicado a alguns sempre com admirável successo. Ele me disse [que] eu bem avia de ter conhecido nele pelo que me aconselhara e pelo modo com que me falara que este era o seo desejo; mas que não ousava [...] cortar tão forte, temendo duas coizas, a primeira que eu caise em melancolia, a 2ª que as minhas faculdades não me consentissem total separação do que podia dar-me lucro.

Estou determinado a fazer a dita dieta com todo o rigor que V. Mercê me prescreve e isso para mim crio que é bagatela; pode ser que me engane: já comesei a almosar e a ceiar o leite e, qualquer dia, faso o jantar e tudo fica concluído. Já ontem avisei os meus discípulos da minha rezolução; e como praticamente vejo que não é possível livrar-me de falar, que é o que me mata, estando aqui, vou passar 3 meses ao campo, mudando de paragens segundo vir que me são mais ou menos convenientes.

O que tenho que ponderar e não replicar é que além deste principip de queixa actual, tenho raízes de outra que me dominava desde a idade de 10 anos, que é a melancolia; padeci como um miserável ate entrar a ler a cadeira de filozofia ou prepararme para isso, mas antecedentemente vi-me quazi perdido á forsa de ch[orar] sem mais motivo que a vontade de chorar e um aperto do peito que, deste modo, se desafigura. De tal forma esta queixa me perse[que], posto que com respeito, que se hoje acabei de dar assembleias, me par[fece] que estou no Paraizo, pelo muito que dezejava verme livre desse peso, mas, amanhã, estou frio, depois de amanhã choro, sem motivo, nem razão [...] virem-me as lágrimas e está a lama ocioza como num charco estão as rans, os limos e a corrusão ma fazem aborrecivel a si mesma. O remedio único que acho por experiência de toda a vida é occuparme [com] coizas de cabeça, coiza de invensão; estudo de casta nenhuma não basta, é presizo que a alma se mova ela mesma, e não basta que seja a receber o que lhe deo que sempre é ociozidade; o primeiro quarto de ora trabalho com furor, o segundo com mais calor, o 3º com gosto. É tal a minha mania neste genero que dia em que fiz alg'a coisa, estou contente sem saber por que nem como o estou. Dia que me moerão o tempo e não fis nada, estou negro por d[entro] como chaminé ferrugenta, tenho mão genio e não presto para nada. Ainda que o que fiz pela manhã o risque à noite, não importa, estou contente por affecto maquinal, em que o corasão se move sem razão, mas achase alegre.

O meo modo de trabalhar de invensão, isto é discorrer [tam]bem qualquer coisa, não é como de quem se amarra com a cabes descansada na forquilha da mão, insensível a tudo o que se pasa d[iante] de mim, e só atento ao meo objecto. Bem pelo contrario no passeio, na cama, na meza ajusto eu mil coizas que não posso ajustar e num golpe os ponho no papel.

Ninguém crera o pouco que eu tenho estudado, mas o meo estudo é o reflectir e a por no papel o que penso, porque à medida que vai saindo da pena as palavras, vão-se desenvolvendo as ideias do entendimento e se varião e aperfeição 5 e 6 e 7 vezes de sorte que [...] no papel os enfeito e indireito e na cabeça apenas formo o embrião. Daqui vem que o meo estudo – tempere iter bibentis galinea – me mortifica muito pouco; é o falar o que me mata, porque falo enquanto tenho no corasão, corpo e alma e sinto que me tenho [...] de alimento não é o que me basta. Acresce que no manejo das mesmas maquinas, fazer, consertar, armar, etc, às vezes me mortifico infinito e o peito sofre tudo o que é afflusão que me é visivelmente nocivo, tratarei de me exercitar em trabalho de mãos coiza que me não mortifique – que sempre é perigoso – mas se me dá licença trabalharei por pedaso em por a limpo uma obra em que trabalho à 7 anos, à qual devo o estar vivo; porque é uma obra pelo estilo do Telemaco, em que mostro com a forsa de demonstrasão geométrica e estilo poético o mais atrativo que pozo, quaes são os meios de ser felis neste mundo. Á muito tempo que está acabada mas falta limala e cortala e posta em termos de poder aparecer a seo tempo. Este é o meo único Refugio, nos quartos de ora que tinha de vago ou no campo quando estou nele alguns dias. Creio que esse é o meio de ter o meo animo contente e o corpo socegado coiza mui precisas para recobrar a saúde.

E se efectuar a venda dos Instrumentos aí tenho que occuparme em os pôr em estado de aparecerem em publico o que me occupará bem e com gosto. A companhia de assembleia me desespera e intristece, o passeio so me consola, porque vou parafusando e reflectindo em tudo o que vejo; indo acompanhado é preciso falar, e isso ao fim do passeio é com grande perjuizo. Gosto de debuchar, iluminarei algumas cartas geográficas e me occuparei como puder, mas a minha cabeça

* Nesta transcrição, feita a partir do manuscrito da Biblioteca Nacional de Viena acima referido, foram apenas desdobradas as abreviaturas.

preciza de alimento socegado, alias me mata com melancolia. Os meos amigos o conhecem tanto, que não estranhão que eu se tenho confiansa com eles me retiro a um canto antes que se ponha a mesa a aproveitar o meo tempo, ou com lápis ou com pena ou com livro que levo na algibeira, ou papel para fazer algum apontamento.

Mas tal qual sou, obedecerei à risca quanto as circunstancias me permitirem; e V. Mercê terá o gosto de ver a minha saúde restabelecida se não casualidade inesperada que a destrua.

Agradeso tudo o que V. Mercê faz ao meo discípulo, que tudo mostra bem o seo carácter de Vossa Mercê. Não á muitos doutores Sanches no mundo. O Nosso Flamengo se cair melancólico, é bem contra a razão, porque tendo tanto que trabalhar não tem um omem tempo para estar melancólico, que sempre supõem tal ociozidade de espirito. Ele preciza trabalhar em coiza que o engordase e atrise e não trabalhar sempre por forsa, como boi que puxa no carro a nosa alma quer trabalhar como ave Livre que voa, lavantase, desce, descansa, volta, cansa, dá outro voo e faz o que quer, assim ade ser o trabalho do entendimento, tendo sempre objecto que agrade. Ora como o amor próprio faz sempre parecer bonitas as filhas da própria alma, tudo o que é produção do nosso engenho tem estas circunstancias de agrado e suaviza o trabalho, ainda quando se emenda 7 vezes, porque sempre a alma para de novo quando de novo comparese os seus filhos e lhe parece que ficão bonitos. Mas deixemos isso que quer partir o [...] que leva a carta ao correio.

De tempo em tempo darei a vossa Mercê parte de mim: Deus guarde a Vossa Mercê para bem publico e meo particular interesse.

Sou de Vossa Mercê
Teodoro de Almeida

As cartas de vossa Mercê sempre me serão entregues ainda que vá para o campo, vindo elas como é costume.